

DIÁLOGOS
IMPOSSÍVEIS

Zarzur e Noronha
(Na página 3)



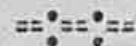
O FLAMENGO
EM 43

(Reportagem
na página dupla)



A arma secreta
do Fluminense
para 43

(Na página 13)



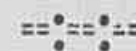
IRONIA DO DES-
TINO...

(Na página 7)



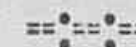
UM "STUD"
MODELAR

(Na. pág. 15)



As revelações
da natação
infanto-juvenil

(Nas págs. 4 e 5)



CARLOS ZABOT
novo meia direi-
ta do Fluminen-
se F. Clube



— Mas nem aqui, Zarzur?

— E para onde você queria que eu fosse, Noronha?

— Para outro clube qualquer. Clube é o que não falta.

— Isso é o que você pensa, Noronha.

— Eu, Zarzur, tratei de botar entre nós dois uma distância de quinhentos quilômetros.

— Ora, Noronha. Bastou eu tomar um trem.

— Eu chamo a isso mania de perseguição.

— Pensando bem, Noronha, é você quem me persegue.

— Eu?

— Sim. Eu estava no Vasco, ninguém me incomodava. E lá veio você.

— O Vasco foi buscar-me, Zarzur.

— Você devia ter pensado antes.

— Pensado em que, Zarzur?

— Ora, em que o Vasco, tendo um Zarzur, não precisava de um Noronha.

— Como eu ia saber de uma coisa dessas?

— Você tinha o Fluminense. Um clube que estava a calhar para você, cheio de não me toques.

— Eu não conhecia os clubes do Rio, Zarzur. E depois, o Vasco chegou e botou o dinheiro em cima da mesa.

— E' o defeito de todo jogador que vem de fora: não pensa nas consequências.

— Eu, porém, Zarzur, quando percebi que você era o dono do Vasco...

— Dono, uma vírgula.

— Quando eu percebi que você mandava no Vasco...

— Foi por estas e outras que o Vasco me mandou embora.

— Não vá dizer que a culpa foi minha.

— Foi.

— Eu não fiz nada, Zarzur.

— Você? Você fez tudo. Ou você pensa que eu sairia do Vasco se não fosse você e Telemaco?

— Espere aí, Zarzur. Eu caí fora antes.

— Você caiu fora depois de fazer o trabalho. Então você se esquece que andou espalhando a história do "deixa" de Figliola?

— Figliola é uma pessoa, você é outra.

— Não. Eu, Figliola e Dacunto éramos as mesmas pessoas. Um por todos, todos por um.

— E a verdade é que Figliola ainda está no Vasco.

— Está porque Figliola só tem de andar muito direitinho.

— E o Vasco não acreditou no que eu disse de Figliola.

— Não acreditou mas ficou com uma pulga atrás da orelha.

Todo o mundo começou a falar nos três mosqueteiros. E o Vasco acabou descobrindo tudo.

— Descobrimo o que?

— Tudo. Maldita hora em que você e o Telemaco entraram em São Januario. O nosso ranchinho assim estava bom. Gente de fora entrou, "trapaçou".

— Pois eu pensei, Zarzur, que fazia um grande serviço a você, vindo para São Paulo.

— Se eu ficasse no Vasco, vá lá.

— Eu saí do Vasco para não ficar junto de você, Zarzur. E você vem para o São Paulo...

— O São Paulo sempre foi o meu clube, Noronha. Todos os anos eu ameaçava voltar para o São Paulo. O Vasco pedia, aumentava as luvas e eu ia ficando.

— E agora?

— Agora eu não ameacei. O Vasco nem quis saber de mim.

— Quer dizer que, mais uma vez, um de nós dois tem de ficar mal.

— Um de nós dois tem de pular fora.

— Eu não gosto de luta, Zarzur.

— Pois eu gosto de luta, Noronha.

— Eu sei.

— O erro do Vasco foi ter mandado você embora.

— Por quê?

— Ora, porque com você como sombra, eu faria força, moitaria a camisa. Você não se lembra, Noronha, quando você estava no Vasco, como eu jogava?

— Se me lembro?

— O Vasco manda você embora, eu fiquei sozinho e toca a engordar. Foi um trabalho danado, emagrecer para o campeonato brasileiro.

— Vê, Zarzur? Eu não tive culpa de nada.

— Teve, Noronha. Eu preciso de um Noronha para jogar bem.

— Você me assusta, Zarzur. Eu pensei que São Paulo fosse um lugar onde eu pudesse descansar sem susto. E mal eu chegava aqui, lá veio o Viladoniga, também com a mania de perseguição. Agora é você.

— O bom filho a casa torna, Noronha.

— Ah! Se eu soubesse!

— Soubesse o que?

— Se eu soubesse que todo o mundo que estava contra mim lá no Vasco, vinha para cá, eu teria ficado em São Januario.

— E que adeantaria isso?

— Muita coisa. Era a maneira mais prática de fugir de vocês.

— Com você lá, Noronha, nem o Dacunto cairia na tolice de pedir rescisão do contrato.

— Você não disse que todo o mundo já estava falando mal de vocês, dos três mosqueteiros?

— Estava. Mas seria fácil acabar com a história. Era só fazer força.

— E aqui, você vai fazer força?

— Claro que vou. Eu não vim para cá para ficar na cerca, Noronha.

— Eu cada vez me convengo mais que não tenho sorte.

— Lute, Noronha.

— Eu vou lutar. Mas...

— Mas o que?

— E' que eu não dou muito para isso. E depois, você disse que você é filho de São Paulo.

— O filho pródigo.

— Eu não sou filho do São Paulo.

— E' bom a gente ter um clube pai da gente, Noronha.

— E o Vasco, o que era de você, Zarzur?

— O Vasco era mãe, uma mãe carinhosa.

— Mãe?

— Exatamente.

— E como o Vasco mandou você embora?

— O Vasco deixou de ser mãe da gente, Noronha.

— Eu, você quer saber de uma coisa, Zarzur, tendo vontade de voltar.

— Para o Vasco?

— Lá está o Figliola, Zarzur.

— O Figliola, porém, não tem mais você, Zarzur, nem o Dacunto.

— O Figliola ainda é fiel ao juramento. E' melhor você não voltar. Eu prefiro que você fique.

— Você pedindo que eu fique!

— Em meu interesse, Noronha. Só onde há um Noronha é que um Zarzur pode aparecer.

— Ai de mim!

— Eu você, não me incomodava. Tomava férias ganhando dinheiro.

— Diga-me uma coisa, Zarzur: aqui você é sozinho?

— Sou.

— Você não tem um Figliola, um Dacunto?

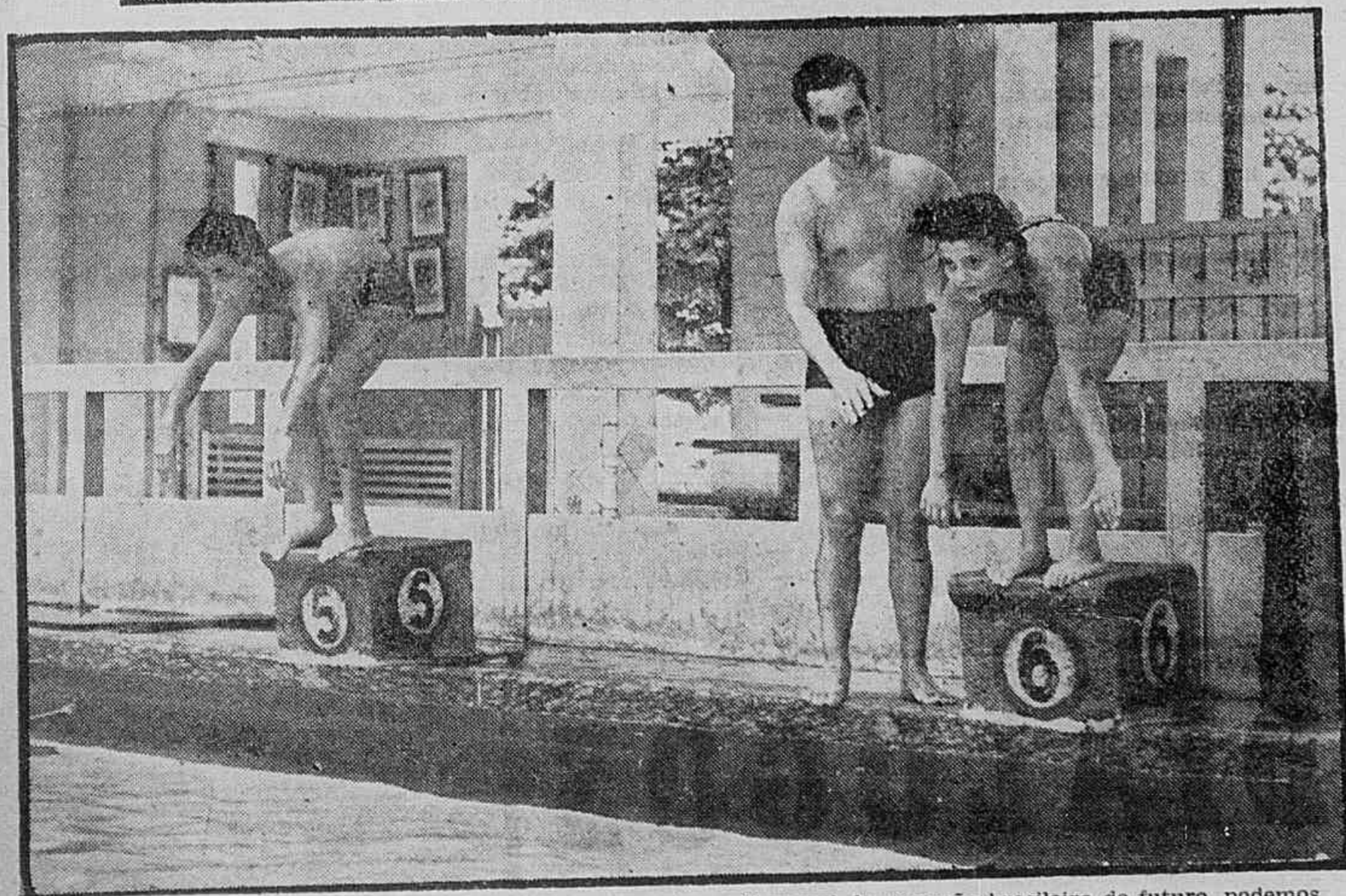
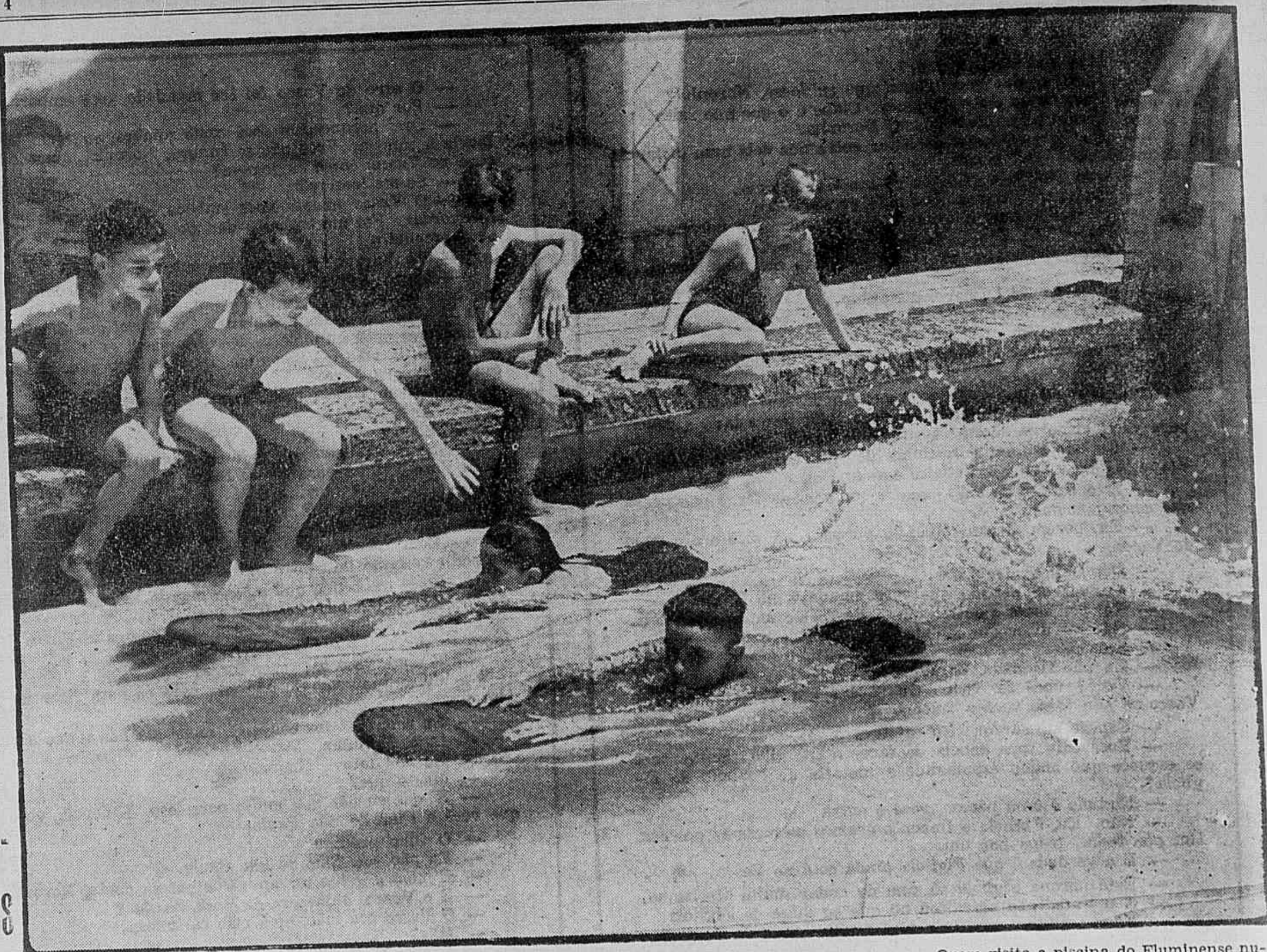
— Não.

— Então eu vou tentar.

— Só assim eu perderei uns quilos, Noronha.

DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS

Dois
futu-
ros
repre-
sen-
tantes
do
Brasil
nos
Jogos
Olim-
picos



2. E já que estamos tentando fazer um rápido esboço do perfil moral do campeão brasileiro do futuro, podemos destacar da equipe do Fluminense e integrantes da Arthur Leão Feitosa e Talita Rodrigues, elementos de ilustrar o nosso estudo com duas figuras marcantes: representação do Distrito Federal no último campeonato brasileiro infanto-juvenil. Pois bem, querem conhecer as pretensões desses dois valorosos campeões? Vamos abrir aqui um parêntesis para dizer que confiamos inteiramente na realização dos seus sonhos. Tanto o Arthur como a Talita esperam chegar a competir nas Olimpíadas. E ninguém se atreverá, por certo, a duvidar da legitimidade desse desejo quando vir com que "elan" os dois nadadores se entregam à prática da natação, cumprindo à risca os mais severos regimes impostos pelos técnicos. E se não tivéssemos receio de que o Arthur e a Talita fossem ficar excessivamente orgulhosos (seriam capazes até de não nos cumprimentar) diríamos confidencialmente que eles estão trilhando o caminho que os levará aos Jogos Olímpicos. Pelo menos é o que dizem os cronômetros.

1. Quem visita a piscina do Fluminense numa manhã ensolarada (e com chuva o panorama não será diferente) forçosamente há de experimentar um sentimento de confiança em relação ao futuro da natação brasileira. E esse sentimento adquirirá um sentido mais amplo e por certo mais otimista se o observador ocasional souber que nas piscinas do América e Tijuca se plasma também, com o mesmo ardor e entusiasmo, uma nova geração de campeões.

A tarefa é gigantesca porque se trata de cobrir claros deixados por valores da classe de uma Maria Lenk, de uma Piedade Coutinho, de uma Cecília Heilborn, de um Edgard Arp para citar apenas algumas das perdas inestimáveis. Mas o V Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil, com a série inumerável de resultados técnicos excepcionais, veio demonstrar que acabou a era do pessimismo.

Não será mais lícito duvidar-se. Teve início uma nova fase para a natação brasileira, uma fase que levará o nosso país a manter nos futuros torneios sul-americanos em que venha a participar a liderança conquistada brilhantemente em Vina Del Mar, em 1941. A responsabilidade de zelar pela supremacia no setor aquático caberá a esses campeões que nós aplaudimos no magno certame da gurizada brasileira.

Alguem objetará (provavelmente, ainda um remanescente da legião de pessimistas) que muitos desses pequenos campeões desertarão com o tempo. E será citada uma lista comprometedor de elementos de grande classe que não mais estão em atividade: Diderot Cavalcanti, Ramon Alonso, Dulce Pereira da Silva e tantos outros. Ainda assim, isto é, admitindo-se que se verifique um êxodo — aliás essa possibilidade está prevista — ainda restarão valores para assegurar ao Brasil o posto de líder no continente meridional.

E há ainda outro fator que nos faz mergulhar tranquilamente (assim como um salto de "anjo") o olhar no futuro. Os campeões mirins de hoje sabem o que querem e vão direitinho — pela tangente — rumo aos seus objetivos. Suas aspirações repousam em planos bastante elevados, mas o seu entusiasmo e a confiança nos próprios recursos lhes darão forças para alçar o voo até as alturas supremas.



3. Talita Rodrigues não sabe precisar qual tenha sido a maior emoção de sua "longa carreira esportiva. Mas se não foi a maior, pelo menos uma das maiores, foi a emoção experimentada no seu último duelo com Nilza Martins, em que ambas bateram o recorde de 50 metros, petizas, nado de costas. Outra data histórica em sua carreira, foi quando bateu, num mesmo dia, os recordes de crawl e nado de costas.

Falando a linguagem dos números, a carreira de Talita pode ser resumida assim: quatro troféus, uma taça e doze medalhas. Será necessário dizer que cada medalha representa uma vitória? Seus melhores tempos são os seguintes:

1.º recorde — piscina do Botafogo — 48'3 — 50 metros, nado de costas; 2.º recorde — piscina do Fluminense — 41'2 — 50 metros, nado livre; 3.º recorde — piscina do Guanabara — 45'1 — 50 metros, nado de costas; 4.º recorde — piscina do Guanabara — 44'4 — 50 metros, nado de costas; 5.º recorde — piscina do Guanabara — 39'6 — 50 metros, nado livre.

Arthur Leão Feitosa tem um acervo de 32 medalhas e seus melhores tempos são: 1'09" para os 100 metros, nado livre, em competição. Em treinos tem feito 1'07". E 1'23" para os 100 metros, nado de costas.

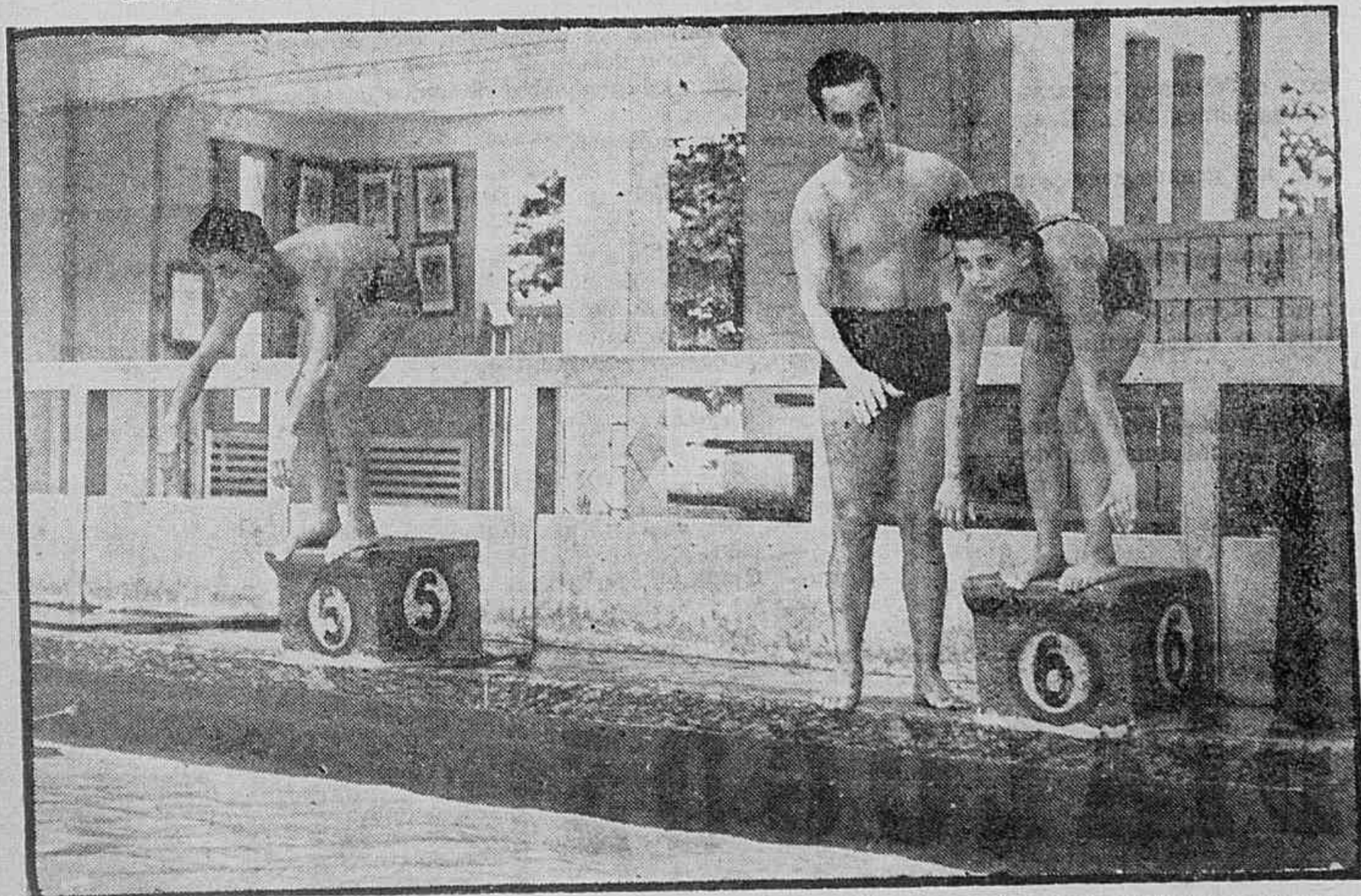
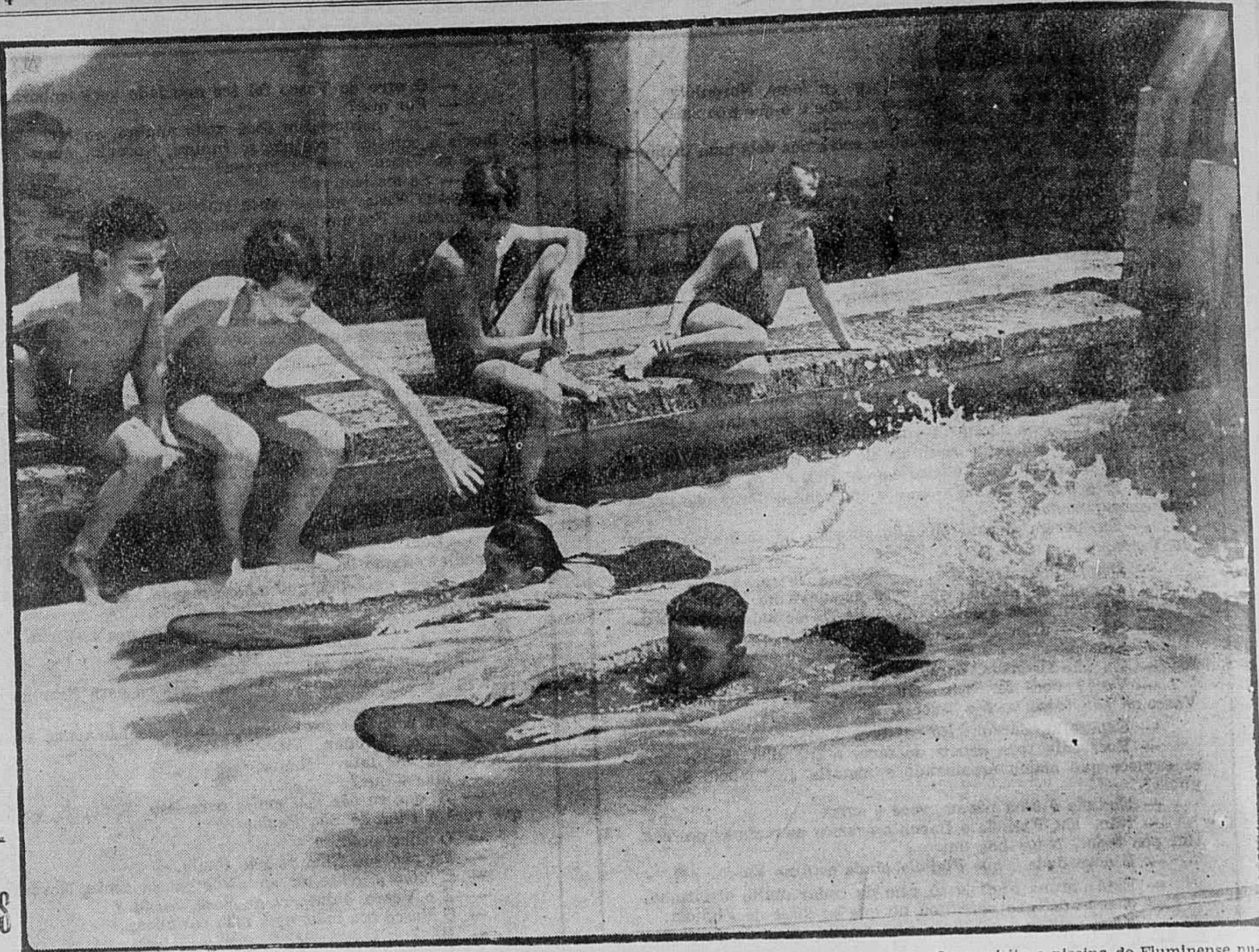
4. Arthur pertence à dinastia dos Feitosa. E isso quer dizer muito. Maria, a mais velha, deixou a natação com um longo rosário de vitórias. Arypema (estamos seguindo a ordem decrescente) é simplesmente recordista sul-americana dos 400 metros, nado de costas, com o tempo de 5'36". Além disso é um grande "sprinter". Arynatú recentemente foi a São Paulo, integrando a equipe do Fluminense para a disputa da taça "Sylvio Fadilha" e mediu forças com Willy Otto Jordan e José Carlos Pinto. Arthur, bem, deste falaremos mais adiante; Aldevio nada junto com Arthur, cedendo-lhe o primeiro lugar, como irmão mais moço bem comportado. E Sonia, a caçula, é recordista. Arthur é um menino robusto de 13 anos e está no 3.º ano ginásial do Ginásio Vera Cruz. Não é preciso ser observador para constatar que vem praticando o esporte de longa data. Aliás, quando se fala num Feitosa a gente tem a impressão de que ele ou ela aprendeu a nadar antes de andar ou falar. Arthur é o que se chama um menino sem complexos, transpirando saúde por todos os poros. Gosta de basket, football, cinema, até de teatro e tudo que possa ser classificado no rol dos divertimentos. Seu grande sonho é representar o Brasil numa olimpíada. Mas antes disso quer entrar para a Escola Naval, seguindo as pegadas de seu irmão Arypema que acaba de ingressar naquele tradicional centro de ensino naval. Como Talita, Arthur treina duas vezes por dia no verão. Dirão muitos que isso não é vantagem porque todos treinam pela manhã e à tarde. Mas nem todos podem exibir os mesmos tempos... Arthur Leão Feitosa experimentou a maior emoção de sua carreira esportiva, no dia em que bateu o recorde brasileiro de petizas, marcando 37'4 para os 50 metros, nado livre. Foi na disputa do primeiro campeonato nacional infanto-juvenil.



5. Para uma menina de oito anos ser considerada saudavel tem que pedir licença a Talita Rodrigues. Se a Federação Metropolitana resolvesse instituir uma campanha para difundir a natação, bastaria colocar o retrato de Talita para arranjar adeptos. Seu fisico também é uma sugestão para um anúncio de tônicos fortificantes. Aliás, Talita é uma menina cheia de qualidades. Além de um pedaço bonita, é uma aluna muito aplicada. Com oito anos apenas está no quarto ano primario da escola José de Alencar. E além do mais, tem personalidade. Diz as coisas pão-pão, queijo-queijo, sem consultar ninguém. Não gosta de cinema, nem de football, sem que isso queira dizer que divida o dia em duas partes: nadar 12 horas e estudar 12 horas. Seria absurdo pensar uma coisa dessas, mesmo porque teríamos que dar o desconto das horas de sono e as das refeições. Falando serio: Talita não é tão sisuda assim e a prova é que gosta muito de dançar, além de outros divertimentos proprios de sua idade. Entretanto, não lhe perguntamos se ainda brinca com bonecas. Ela diz todo dia em casa, que quer ser como Piedade Coutinho e Cecilia Hellborn, seus ídolos esportivos. Positivamente, Talita é uma menina diferente. Querem uma prova? Que faria o leitor se um rival lhe passasse a perna? Pelo menos ficaria furioso, não é verdade? Se é que não rogasse uma praga deste tamanho para o rival. Mas Talita não é rancorosa, muito pelo contrario. Tem uma rival seríssima em nado de costas: Nilza Martins, do America. Embora duas vezes derrotada pela rival, Talita considera-a uma de suas boas amigas. Isso é o que se chama sentimento cristão! Talita se fez no Fluminense, sob a direção sucessiva dos treinadores Helio Lobo, Oswaldo e Cachimbão. Não é a única na familia a saber (por experiencia propria) toda a terminologia aquática: "tiro", "batidas de pés", "sueca" (antes de cair na piscina) etc. Seu irmão Thais já se considera velho para a natação, mas o Sergio está em plena atividade e fazendo tempos respeitaveis: 1'07" e 5'48", respectivamente, para os 100 e 400 metros, nado livre; e 3'15" para os 200 metros, nado de peito.



Dois
futu-
ros
repre-
sen-
tantes
do
Brasil
nos
Jogos
Olim-
picos



2. E já que estamos tentando fazer um rápido esboço do perfil moral do campeão brasileiro do futuro, podemos destacar da equipe do Fluminense e integrantes da Arthur Leão Feitosa e Talita Rodrigues, elementos de ilustrar o nosso estudo com duas figuras marcantes: representação do Distrito Federal no último campeonato brasileiro infanto-juvenil. Pois bem, querem conhecer as pretensões desses dois valorosos campeões? Vamos abrir aqui um parêntesis para dizer que confiamos inteiramente na realização dos seus sonhos. Tanto o Arthur como a Talita esperam chegar a competir nas Olimpíadas. E ninguém se atreverá, por certo, a duvidar da legitimidade desse desejo quando vir com que "elan" os dois nadadores se entregam à prática da natação, cumprindo à risca os mais severos regimes impostos pelos técnicos. E se não tivéssemos receio de que o Arthur e a Talita fossem ficar excessivamente orgulhosos (seriam capazes até de não nos cumprimentar) diríamos confidencialmente que eles estão trilhando o caminho que os levará aos Jogos Olímpicos. Pelo menos é o que dizem os cronômetros.

1. Quem visita a piscina do Fluminense numa manhã ensolarada (e com chuva o panorama não será diferente) forçosamente há de experimentar um sentimento de confiança em relação ao futuro da natação brasileira. E esse sentimento adquirirá um sentido mais amplo e por certo mais otimista se o observador ocasional souber que nas piscinas do América e Tijuca se plasma também, com o mesmo ardor e entusiasmo, uma nova geração de campeões.

A tarefa é gigantesca porque se trata de cobrir claros deixados por valores da classe de uma Maria Lenk, de uma Piedade Coutinho, de uma Cecília Heilborn, de um Edgard Arp para citar apenas algumas das perdas inestimáveis. Mas o V Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil, com a série inumerável de resultados técnicos excepcionais, veio demonstrar que acabou a era do pessimismo.

Não será mais lícito duvidar-se. Teve início uma nova fase para a natação brasileira, uma fase que levará o nosso país a manter nos futuros torneios sul-americanos em que venha a participar a liderança conquistada brilhantemente em Vina Del Mar, em 1941. A responsabilidade de zelar pela supremacia no setor aquático caberá a esses campeões que nós aplaudimos no magno certame da gurizada brasileira.

Alguém objetará (provavelmente, ainda um remanescente da legião de pessimistas) que muitos desses pequenos campeões desertarão com o tempo. E será citada uma lista comprometedor de elementos de grande classe que não mais estão em atividade: Diderot Cavalcanti, Ramon Alonso, Dulce Pereira da Silva e tantos outros. Ainda assim, isto é, admitindo-se que se verifique um êxodo — aliás essa possibilidade está prevista — ainda restarão valores para assegurar ao Brasil o posto de líder no continente meridional.

E há ainda outro fator que nos faz mergulhar tranquilamente (assim como um salto de "anjo") o olhar no futuro. Os campeões mirins de hoje sabem o que querem e vão direitinho — pela tangente — rumo aos seus objetivos. Suas aspirações repousam em planos bastante elevados, mas o seu entusiasmo e a confiança nos próprios recursos lhes darão forças para alçar o voo até as alturas supremas.



4. Arthur pertence à dinastia dos Feitosa. E isso quer dizer muito. Maria, a mais velha, deixou a natação com um longo rosário de vitórias. Arypema (estamos seguindo a ordem decrescente) é simplesmente recordista sul-americana dos 400 metros, nado de costas, com o tempo de 5'36". Além disso é um grande "sprinter". Arynauá recentemente foi a São Paulo, integrando a equipe do Fluminense para a disputa da taça "Sylvio Fagundes" e mediu forças com Willy Otto Jordan e José Carlos Pinto. Arthur, bem, deste falaremos mais adiante; Aldevio nada junto com Arthur, cedendo-lhe o primeiro lugar, como irmão mais moço bem comportado. E Sonia, a caçula, é recordista. Arthur é um menino robusto de 13 anos e está no 3.º ano ginásial do Ginásio Vera Cruz. Não é preciso ser observador para constatar que vem praticando o esporte de longa data. Aliás, quando se fala num Feitosa a gente tem a impressão de que ele ou ela aprendeu a nadar antes de andar ou falar. Arthur é o que se chama um menino sem complexos, transpirando saúde por todos os poros. Gosta de basket, football, cinema, até de teatro e tudo que possa ser classificado no rol dos divertimentos. Seu grande sonho é representar o Brasil numa olimpíada. Mas antes disso quer entrar para a Escola Naval, seguindo as pegadas de seu irmão Arypema que acaba de ingressar naquele tradicional centro de ensino naval. Como Talita, Arthur treina duas vezes por dia no verão. Dirão muitos que isso não é vantagem porque todos treinam pela manhã e à tarde. Mas nem todos podem exibir os mesmos tempos. Arthur Leão Feitosa experimentou a maior emoção de sua carreira esportiva, no dia em que bateu o recorde brasileiro de petizes, marcando 37'4" para os 50 metros, nado livre. Foi na disputa do primeiro campeonato nacional infanto-juvenil.



3. Talita Rodrigues não sabe precisar qual tenha sido a maior emoção de sua "longa carreira esportiva. Mas se não foi a maior, pelo menos uma das maiores, foi a emoção experimentada no seu último duelo com Nilza Martins, em que ambas bateram o recorde de 50 metros, petizas, nado de costas. Outra data histórica em sua carreira, foi quando bateu, num mesmo dia, os recordes de crawl e nado de costas.

Falando a linguagem dos números, a carreira de Talita pode ser resumida assim: quatro troféus, uma taça e doze medalhas. Será necessário dizer que cada medalha representa uma vitória? Seus melhores tempos são os seguintes:

1.º recorde — piscina do Botafogo — 48'3" — 50 metros, nado de costas; 2.º recorde — piscina do Fluminense — 41'2" — 50 metros, nado livre; 3.º recorde — piscina do Guanabara — 45'1" — 50 metros, nado de costas; 4.º recorde — piscina do Guanabara — 44'4" — 50 metros, nado de costas; 5.º recorde — piscina do Guanabara — 39'6" — 50 metros, nado livre.

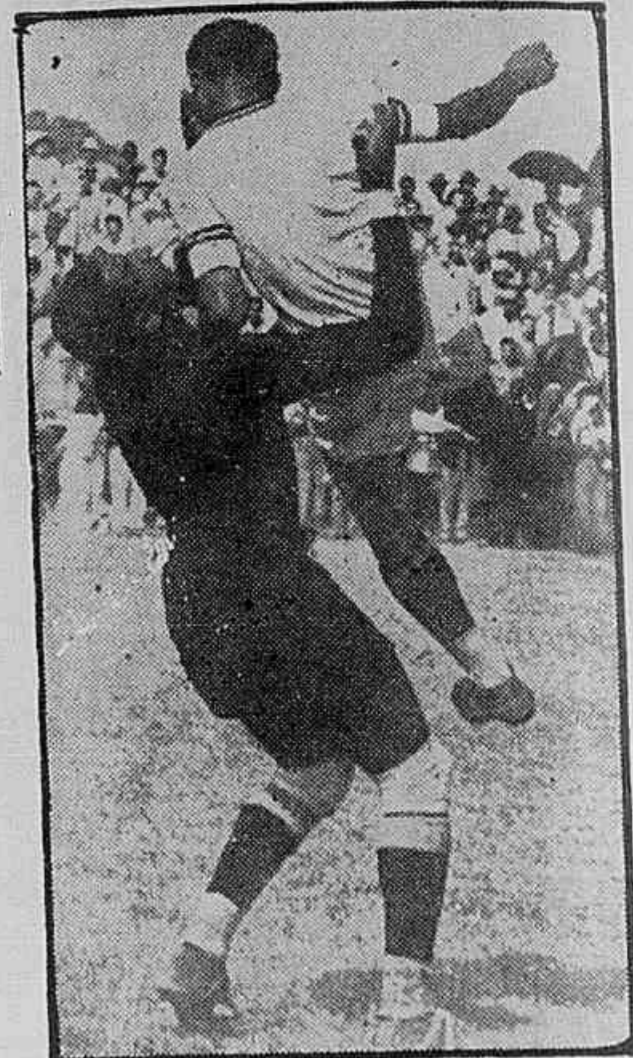
Arthur Leão Feitosa tem um acervo de 32 medalhas e seus melhores tempos são: 1'09" para os 100 metros, nado livre, em competição. Em treinos tem feito 1'07". E 1'23" para os 100 metros, nado de costas.

5. Para uma menina de oito anos ser considerada saudável tem que pedir licença a Talita Rodrigues. Se a Federação Metropolitana resolvesse instituir uma campanha para difundir a natação, bastaria colocar o retrato de Talita para arranjar adeptos. Seu físico também é uma sugestão para um anúncio de tônicos fortificantes. Aliás, Talita é uma menina cheia de qualidades. Além de um pedaço bonita, é uma aluna muito aplicada. Com oito anos apenas está no quarto ano primário da escola José de Alencar. E além do mais, tem personalidade. Diz as coisas pão-pão, queijo-queijo, sem consultar ninguém. Não gosta de cinema, nem de football, sem que isso queira dizer que divida o dia em duas partes: nadar 12 horas e estudar 12 horas. Seria absurdo pensar uma coisa dessas, mesmo porque teríamos que dar o desconto das horas de sono e as das refeições. Falando sério: Talita não é tão sisuda assim e a prova é que gosta muito de dançar, além de outros divertimentos próprios de sua idade. Entretanto, não lhe perguntamos se ainda brinca com bonecas. Ela diz todo dia em casa, que quer ser como Piedade Coutinho e Cecilia Heliborn, seus ídolos esportivos. Positivamente, Talita é uma menina diferente. Querem uma prova? Que faria o leitor se um rival lhe passasse a perna? Pelo menos ficaria furioso, não é verdade? Se é que não rogasse uma praga deste tamanho para o rival. Mas Talita não é rancorosa, muito pelo contrário. Tem uma rival seríssima em nado de costas: Nilza Martins, do América. Embora duas vezes derrotada pela rival, Talita considera-a uma de suas boas amigas. Isso é o que se chama sentimento cristão! Talita se fez no Fluminense, sob a direção sucessiva dos treinadores Helio Lobo, Oswaldo e Cachim-bão. Não é a única na família a saber (por experiência própria) toda a terminologia aquática: "tiros", "batidas de pés", "sueca" (antes de cair na piscina) etc. Seu irmão Thais já se considera velho para a natação, mas o Sérgio está em plena atividade e fazendo tempos respeitáveis: 1'07" e 5'48", respectivamente, para os 100 e 400 metros, nado livre; e 3'15" para os 200 metros, nado de peito.



Na primeira etapa do Torneio Relâmpago Fluminense e América decepcionaram ...

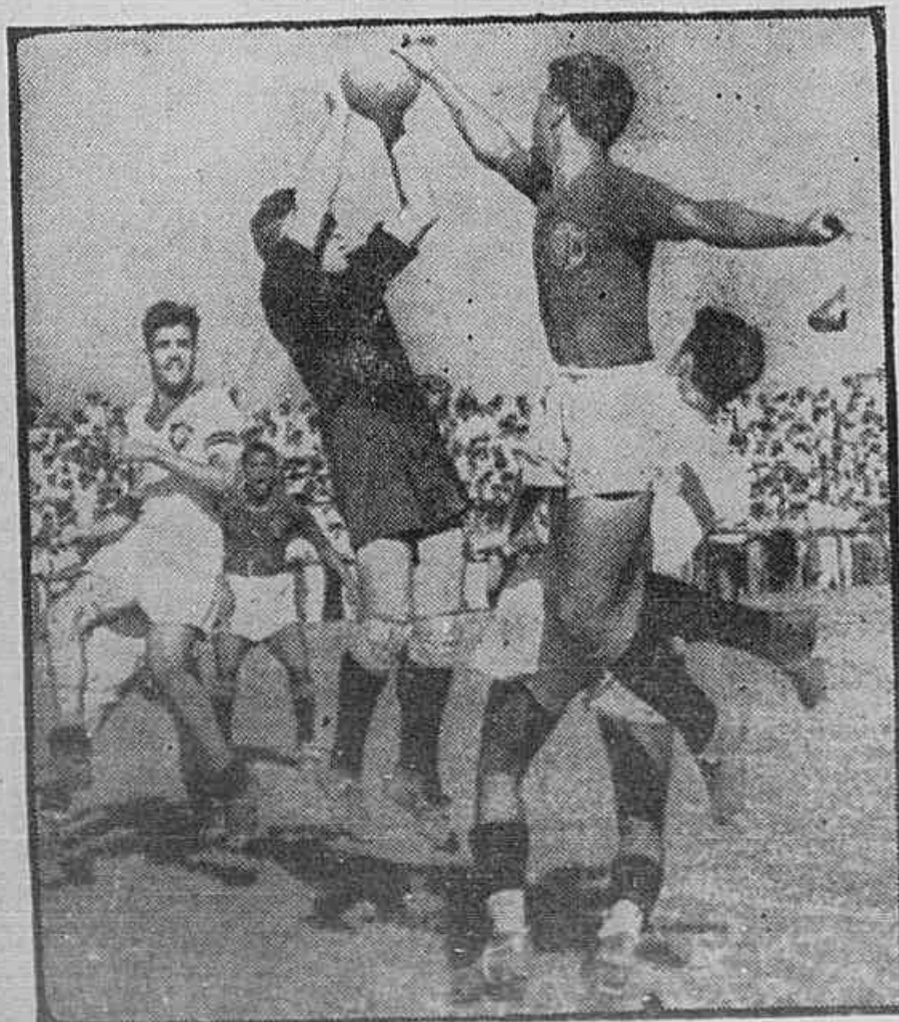
(De Ricardo Serran)



Os quadros do América e Fluminense que disputaram a primeira pelega do Relâmpago.



FASES DO ENCONTRO



Os esquadões de 43 do América e Fluminense ofereceram uma exibição bem inferior à que desejavam os torcedores. Abrindo o Torneio Relmpago, na tarde de domingo, fizeram uma partida quase sempre pobre de técnica, na qual os lances empolgantes eram raros. Os tricolores demonstrando pouco preparo, enchiam os minutos com jogadas despidas de classe, sem o trabalho de conjunto indispensável. Os rubros, por sua vez, apesar da fama adquirida em outras praças, provavam que não é aquela a equipe que val levar o América ao título máximo. Os tricolores têm a desculpa de ser a primeira partida seria que disputam este ano, tendo vindo de um período de descanso, seguido dos folguedos carnavalescos. Há ainda a atenuante da saída do técnico, inesperada pelo menos para os players. O mesmo, porém, não acontece ao América, que vem treinando desde outubro e que há menos de um mês encetou uma temporada em São Paulo, batendo-se com teams de primeira categoria da divisão de profissionais. A desculpa que ocorre — isto sem a vontade de procurar justificativa — é que a tarde estava demasiadamente quente e que os rubros haviam permanecido algum tempo em São Lourenço, cujo clima é ameno.

Razões essas ou outras, certo é que o football apresentado não agradou, como atesta o desinteresse do publico pelo desenrolar do match, ouvindo-se aplausos apenas nos instantes dos goals ou em poucas oportunidades, contadas a dedo. O team do Fluminense estava irreconhecível. Integrado embora de quase todos os valores da temporada de 42, nem por isso mostrou entendimento. Valeu-se para obter o empate, da chance em determinados lances, quando tudo parecia perdido. No período em que atacou, nada conseguiu, pois as investidas frustraram-se pela confusão provocada pelos próprios atacantes. Inúmeras bolas assim se perderam. Também a retaguarda não repetia as performances destacadas do ano passado, falhando amiúde. Os backs como os halves inseguros, permitindo as incursões dos contrários seguidamente. No arco surgiu Max, colocado à última hora, a título de experiência, devido ao impedimento forçado de Batatais, Gijo e João Alberto. Não teve culpa dos quatro goals.

O center-forward para 43, descoberto pelo Fluminense no team do Bangü, entrou para o rol dos tantos outros que não resolveram o problema da ofensiva tricolor. Mais um para juntar à extensa lista, que começa em Sinhô e ninguém sabe onde poderá terminar, com passagem no Tintas, Sandro e demais. Annlto esteve sessenta e nove minutos em campo e não explicou a razão. Para terminar a pelega entrou Maracai que, ajudado pela sorte, pode colaborar decisivamente para o empate. Entre o ex-banguense e o player paulista, parece que o Fluminense vai acabar como todos os anos. Decidindo-se por Russo, ingressando Zabet na meia.

Vicentine não reapareceu bem. Apesar dos "fans" que possuem o Buck Jones (este é o seu apelido futebolístico) fez lembrar a ausencia de Bioró. Conquistou o tento de empate, mas embora redimido das suas falhas, aos olhos da torcida, não convenceu aos neutros. Pode, todavia, voltar a ser o mesmo do inicio do campeonato de 43, quando se afirmou um dos valores na posição.

Ruy, o centro medio que veio do Bonsucesso, muito acadêmico. De um academismo com aspas, improdutivo. Possui um bom shoot e experimentou o goal varias vezes, sem conseguir porém

Pedro Nunes e Adilson cheios de defeitos. Russo e Carreiro em boa forma e os backs destreinados completaram o onze tricolor. Não era possível esperar mais e o empate deve ter consolado perfeitamente os torcedores do Fluminense.

O team rubro, que tanto prometia, ficou apenas na promessa. Osny II, Benedito e Gritta formaram um triangulo final abaixo de regular. O back direito salvou-se da nota má, devido à sua milagrosa intervenção, numa bola que esteve para ultrapassar a linha do goal, com Osny II fora do arco. O veterano Gritta teve fases boas e más. Itim é dos que podem vir a ser cracks. Novo, possui qualidades que, bem trabalhadas, acabarão por torná-lo elemento util. Domicio, que já conhecíamos do Bonsucesso, começou bem mas acabou como nos velhos tempos do rubro-anil. Laxixa, sem apresentar progresso.

No ataque é que os rubros apresentaram duas novidades. Trata-se de Lima (irmão do Lima do scratch paulista) e Jorginho. Os componentes da ala esquerda são dois jogadores de futuro, pois no presente já merecem o ajetivo bom. Edgard, outro novo, não teve oportunidade de aparecer. O veterano Cesar, na sua melhor fase e o veteranissimo Carola, mais novo do que nunca.

Com um ataque quase perfeito e uma defesa fraca, não pde o América vencer um Fluminense desmantelado. Esteve com o placard duas vezes a seu favor, mas acabou cedendo, permitindo o empate. Resta à próxima apresentação, contra o Vasco, na noite de sexta-feira, para se positivarem estas nossas impressões. Todavia acreditamos que nada de mais pode pretender o América, alem de uma atuação regular no atual torneio, como no campeonato oficial. Qualquer surpresa — o que sinceramente não acreditamos — deve ser lançada à conta de milagre.

Chico Trindade foi o juiz. Não reproduziu as suas atuações do certame brasileiro, quando surgiu como a revelação do apito. O arbitro mineiro teve diversos erros, culminando com a marcação de um hands penalty inexistente de Laxixa, que Russo teve a inspiração de chutar fora.

Aos 14 minutos do 1.º tempo, Cesar trocou passes com Carola, confundindo a defesa tricolor. Max saiu do arco para intervir, mas Jorginho, inteligentemente, mandou a pelota às redes. Era o 1.º goal do América.

Coube a Carreiro obter o 1.º goal do Fluminense. Pedro Nunes entrou e o ponteiro emendou rápido, vencendo Osny II, aos 21 minutos.

O 2.º goal do América surgiu aos 28 minutos. Cesar, aproveitando-se de uma falha de Vicentine chutou forte. Max defendeu e soltou a pelota, entrando Lima, que marcou o tento.

Carola, o sempre moço Carola, conquistou o 3.º goal do América, aos 38 minutos, graças ao trabalho de Lima e Cesar. E o primeiro tempo terminou com o América vencendo por 3x1.

Somente no 28.º minuto da segunda fase foi novamente movimentado o placard. Maracai, em jogada pessoal, fez o 2.º goal do Fluminense.

Dois minutos depois, Cesar escapou pelo centro e conquistou o 4.º goal do América.

Decorridos três minutos do tento anterior, ainda Maracai, de passe de Carreiro, obteve o 3.º goal do Fluminense.

O derradeiro goal da pelega foi conquistado aos 35 minutos, dois minutos após o 3.º. Fé-lo Vicentine, aproveitando-se do descontrolo dos rubros. Quarto goal do Fluminense e, portanto, 4x4 no placard. Assim acabou o match.

FLUMINENSE — Max; Norival e Renganeschi; Vicentine, Ruy e Affonsinho; Adilson, Russo, Anito (aos 24 minutos do segundo tempo Maracai), Pedro Nunes e Carreiro.

AMÉRICA — Osny II; Benedito e Gritta; Itim, Domicio e Laxixa; Edgard, Carola, Cesar Lima (aos 21 minutos da segunda fase Maneco) e Jorginho.

Na página 10 — (...E Isaias surpreendeu o Botafogo) —

"O GLOBO SPORTIVO"

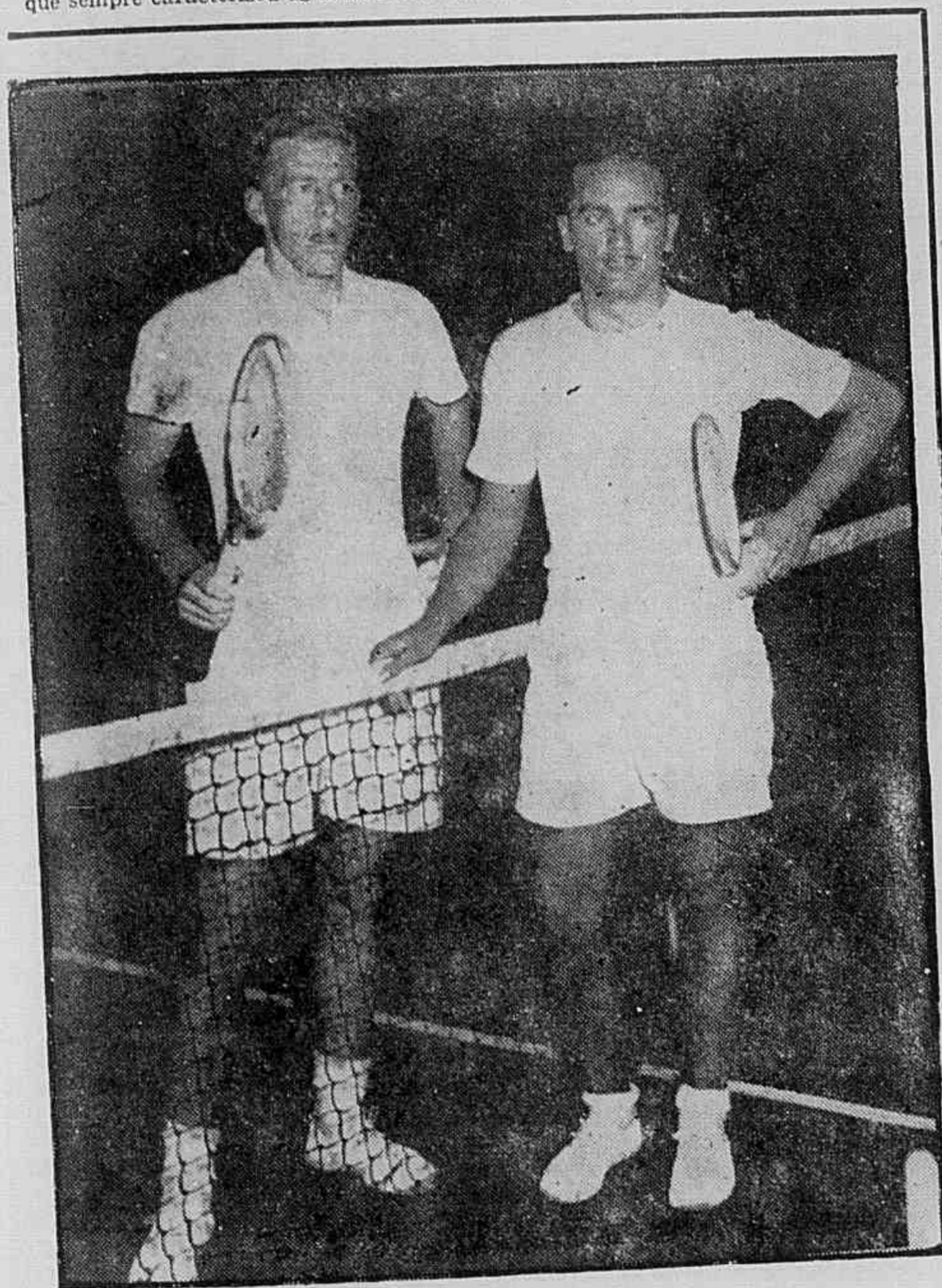
Por motivos de ordem técnica deixou de circular sexta-feira p. p. o 237.º número do O GLOBO SPORTIVO. Uma vez solucionado o contratamento,

po, aquela contingência não se reproduziu esta semana, como se pode verificar. A partir de hoje a circulação da maior revista esportiva do país se restabelece normalmente isto é, sendo posta à venda em todo o Brasil às sextas-feiras. O número de hoje do O GLOBO SPORTIVO — à venda em todas as bancas de jornais — surge com as características que lhe deram popularidade e renome: repleto de sensacionais reportagens ilustradas, inclusive a descrição minuciosa com os flagrantes fotográficos correspondentes das duas primeiras rodadas do Torneio Relâmpago.

CALENDARIO DO REMO PARA 43

O VASCO PATROCINA O PRIMEIRO CONCURSO

CALENDARIO da Federação Metropolitana de Remo, para a temporada de 1943, já está organizado. A primeira regata realiza-se no dia 28 de março, tendo por local a praia de Santa Luzia e cabendo o seu patrocínio ao Clube de Regatas Vasco da Gama. Abrindo a temporada oficial de remo, iremos às águas de Santa Luzia, lugar de tantas glórias vascaínas, com o espirito de competição e de cordialidade que sempre caracterizou as nossas atividades. A regata que o Vasco da Gama patrocinará, por uma cativante



MAC NEIL REAPARECE EM QUADRAS BRASILEIRAS —

Quando se anunciou a adesão de Mac Neil ao Torneio Internacional de tenis promovido pela Sociedade Harmonia de Tenis, considerou-se logo assegurado o êxito do certame. Mac Neil é um nome familiar aos ouvidos dos aficionados do tenis no Brasil. Aqui esteve há dois anos disputando um torneio internacional sob o patrocínio da C. B. D. Já ostentou os títulos de campeão da França e de Forest Hills, vencendo na final o famoso Bobby Riggs. Atualmente é o campeão da Argentina, onde está servindo como "attaché" do adido naval norte-americano. Em São Paulo o grande "ás" yankee reapareceu em grande forma, sagrando-se vencedor absoluto. Tanto em simples, contra Procopio e Manoel Fernandes, como em duplas, atuando ao lado de Jorge Salomão, venceu aquele binómio brasileiro. Em toda a temporada em São Paulo e Santos só uma vez o americano foi derrotado, num jogo de duplas. Jogando ao lado de Thackara Mc Neil perdeu para Sylvio Book e Aleides Procopio.

distinção da Federação Metropolitana do Remo, será corrida na distancia de 1.000 metros, obedecendo ao seguinte programa:

- 1.º pareo — Estreantes — Yoles franches a 2 remos.
- 2.º pareo — Principiantes — Yoles franches a 8 remos.
- 3.º pareo — Novissimos — Double trincado.
- 4.º pareo — Novissimos — Yoles gigs a 2 remos.
- 5.º pareo — Principiantes — Yoles franches a 2 remos.
- 6.º pareo — Novissimos — Skiff trincado.
- 7.º pareo — Yoles franches a 4 remos — Prova clássica "Dr. Henrique Dodsworth"
- 8.º pareo — Principiantes — Double trincado.
- 9.º pareo — Estreantes — Yoles franches a 8 remos.
- 10.º pareo — Novissimos — Yoles gigs a 4 remos — Prova clássica "Pereira Passos"
- 11.º pareo — Principiantes — Yoles franches a 4 remos.
- 12.º pareo — Novissimos — Yoles franches a 8 remos.

No decorrer da temporada serão realizadas pela Federação Metropolitana de Remo mais as seguintes competições:

Dia 9 de maio, na enseada de Botafogo: regata na distancia de 2.000 metros, com 13 pareos, patrocinada pelo Clube de Regatas Guanabara.

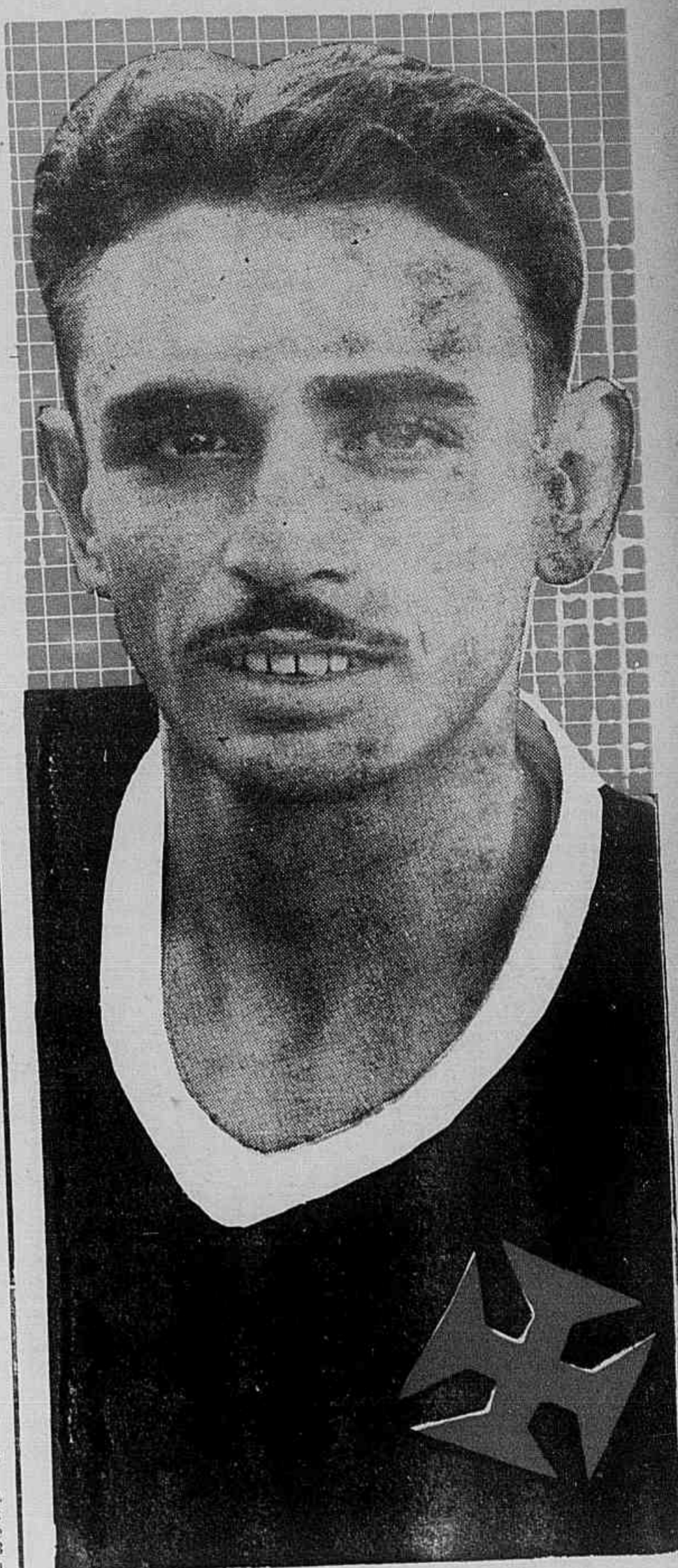
Dia 20 de junho, na enseada de São Francisco, em Niterói: regata na distancia de 1.000 metros, com 12 pareos, patrocinada pelo Clube de Regatas Icaraí.

Dia 1 de agosto, na enseada de Botafogo: regata na distancia de 2.000 metros, com 12 pareos, patrocinada pelo Clube Internacional de Regatas.

Dia 19 de setembro, na Lagoa Rodrigo de Freitas: regata na distancia de 2.000 metros com 10 pareos, patrocinada pelo Esporte Clube Fluminense.

Dia 31 de outubro, na Lagoa Rodrigo de Freitas: regata do Campeonato da Cidade do Rio de Janeiro.

Dia 15 de novembro, entre a enseada da Urca e a Praia de Santa Luzia: prova corrida na distancia máxima de 5.000 metros, para yoles franches a 8 remos, novissimos.



Um Crack Por Semana

Sampaio- Quando o Vasco assestou as suas baterias sobre a seleção gaucha que disputou o campeonato brasileiro de 1941, incluiu na relação dos cracks que precisava o zagueiro esquerdo Sampaio. E Sampaio veio para São Januario com Telemaco, Ruy, Noronha e Massinha. Os três primeiros já se foram. Permanecem apenas, daquela "leva" sulina, Massinha e Sampaio. O center-forward já pensou em retornar aos pagos. Mas o zagueiro está firme na defesa da camiseta cruzmaltina. No ano passado ficou na reserva, toda a temporada, sagrando-se campeão pelo team de aspirantes. Este ano, com a retirada de Florindo, Sampaio é candidato a uma promoção ao quadro principal, estando entre ele e Haroldo a escolha do companheiro de Oswaldo.

Inaugurada a temporada oficial em São Paulo



O novo time das Palmeiras para o certame de 43 Apesar de tudo, o quadro está rendendo bem

SAO PAULO (MARÇO) — DE ENIO PERILLO

E' CERTO que, antes da visita do campeão carioca de 42 a São Paulo, pensava-se assim. Havia mesmo muita apreensão e muito pessimismo. Agora já é mais calmo o ambiente e as opiniões são completamente diversas. O football paulista não perdeu seu poderio e sua virtuosidade, como se propalou por aí. E' ainda do mesmo quilate e da mesma tempera de duas temporadas passadas. Apenas atravessa um período de reorganização, de experiências, experiências que nem sempre dão certo, e daí a justificativa para os fracassos dos quadros paulistas frente ao Vasco e América. Não se procura desmerecer o feito de rubros e cruzmaltinos, mas aquela tendência para a fatalidade desapareceu. E sabe-se que se o football paulista não está por cima, também não está por baixo.

Interessante é que a quebra da "escrita" deu-se num prelo entre os campeões dos dois centros de maior evidência no esporte nacional. E de uma maneira que não deixou dúvidas possíveis e interpretações dubias. O Palmeiras fez alarde de maior entendimento entre seus compartimentos, soube fazer render melhor seu jogo e a vitória nasceu natural, ditada unicamente pelas diretrizes que tomou a partida. No entanto, muita gente não chegou a compreender a facilidade e a segurança com que o Palmeiras conduziu a luta. E por que? Simplesmente porque não acreditavam numa façanha do novo quadro palmeirense. Na verdade, sem Bagliomini, sem Procopio, Del Nero e Claudio, o quadro forçosamente teria que render pouco. Ou pelo menos, obrigar-se a um esforço tremendo no sentido de eliminar defeitos com voluntariedade e apego à luta. Mas nada disto aconteceu. O Palmeiras jogou um football normal, com naturalidade e desenteeço; sem artificios ou coisa parecida. Assim, muito embora não se chegue ao cúmulo de afirmar que os elementos que o Palmeiras perdeu não lhe farão falta (dolz deles pelo menos seriam imprescindíveis), acredita-se ser o alvi-verde um dos candidatos mais serios ao título paulista de 43. E pode-se acrescentar que, no momento, é o quadro bandeirante de maiores virtudes. Não o demonstraram suas exibições frente ao Vasco e Flamengo? Como não! Agora, resta aguardar os acontecimentos e registrar o que de notável farão os pupilos de Del Debbio no certame de 43. A estrutura geral do conjunto sofrerá modificações radicais e somente o futuro poderá determinar com positividade se as modificações foram vantajosas ou não.

No arco, o Palmeiras ainda contará com o concurso de Oberdan, bicampeão brasileiro, cuja forma atual é satisfatória. Para as eventualidades, ainda poderá contar com Clodo ou Claudio, este um bom valor que pertence ao São Caetano. Celestino e Junqueira formarão na zaga. O back direito tem melhorado muito e Junqueira ainda é um homem em quem se pode depositar confiança. Fala-se também numa possível transferência de Celso do S. P. R., podendo ainda o alvi-verde lançar mão de Manduca, um zagueiro que veio do amadorismo.

Na linha média, talvez resida o único problema do alvi-verde. Com a saída de Procopio e Del Nero, o terço intermediário perdeu muito de sua potencialidade. Og ainda estará firme, mas os laterais deixam muito a desejar. Talvez que, contratando Dacunto ou Ayala, como se afirma com insistência nas rodas esportivas, o problema seja resolvido satisfatoriamente. Brandão ou Américo preencherão razoavelmente o lado direito, mas o setor esquerdo estará mal guarnecido se não se positivar a transferência dos dois elementos citados. Porquê, tanto Genço como Joane, não satisfazem às necessidades do quadro.

A dupla de meias é o ponto alto do ataque e este é o setor melhor formado da equipe. Lima, deslocado para a direita, está rendendo como talvez nunca rendeu para o quadro. Adquiriu personalidade nova e trabalha com um senso notável de precisão, sem se esfaltar como fazia antes. Do outro lado, Villadoniga vai aos poucos encontrando seu melhor jogo. Já é uma força no conjunto e nem parece o mesmo Villa apático e despitente do campeonato passado. Waldemar e Joane são os substitutos eventuais de Lima e Villadoniga. No centro do ataque, estará Cabeção; mais senhor de si, menos estovado e por isso mesmo um valor útil ao quadro. Na reserva do ex-centro leopoldinense ficará Renato, uma das revelações do campeonato de 42 no conjunto juvenil. Peixe estará na ponta direita e muito embora não tenha a classe e a exuberância de predicados de um Claudio, leva vantagem sobre o minúsculo ponteiro santista, por ser um bom chutador. Genarino, um ponteiro regular que foi da Portuguesa de Esportes e o velho Ministrinho aguardarão oportunidade. Na esquerda, tanto Pipi como Vacaro encherão as medidas. Este último é um elemento vindo do esporte menor e que ainda dará muito que falar. Tem qualidades o garoto.

E é este o conjunto que o campeão do ano passado apresentará na presente temporada. Bem modificado como se vê, mas na verdade os dirigentes alvi-verdes encaram o futuro com confiança e otimismo. Sabem que talvez seja impossível colocar o quadro no mesmo nível técnico da temporada vitoriosa de 42. Porém, de uma coisa eles têm certeza. E' que, apesar de tudo, o quadro está rendendo bem. Muito bem até. E o campeonato que está aí (o torneio de abertura será a 14 e a primeira rodada a 21), diz o resto. At...



1 Ao mesmo tempo que aqui no Rio se iniciava o "torneio relâmpago", em São Paulo a Federação Paulista de Football inaugurava a sua temporada oficial com a disputa do tradicional torneio "initium". Surpreendendo a cátedra, o S. P. R. (São Paulo Railway) sagrou-se vencedor da competição, após eliminar o Corinthians, o Santos e a Portuguesa de Esportes, esta na prova final. O quadro campeão formou assim: Cetale; Ariovaldo e Celso; Damasceno, Dedão e Orozimbo; Agostinho, Tampinha, C. Leite, Nelson e Oswaldinho.



2 Com um quadro remodelado em que figuram Jahú, Alberto e Xavier, elementos que disputaram o campeonato carioca de 42 pelo Madureira e Botafogo, a Portuguesa de Esportes fez a sua surpresa também, classificando-se vice-campeã. A equipe lusa eliminou o Comercial, o Palmeiras e o São Paulo F. C., perdendo apenas no match final para o S. P. R. O team vice-campeão formou assim: Rodrigues; Jahú e Pepino; Ulysses, Jota e Alberto; Godoy, Charuto, Xavier, Arturzinho e Antoninho.

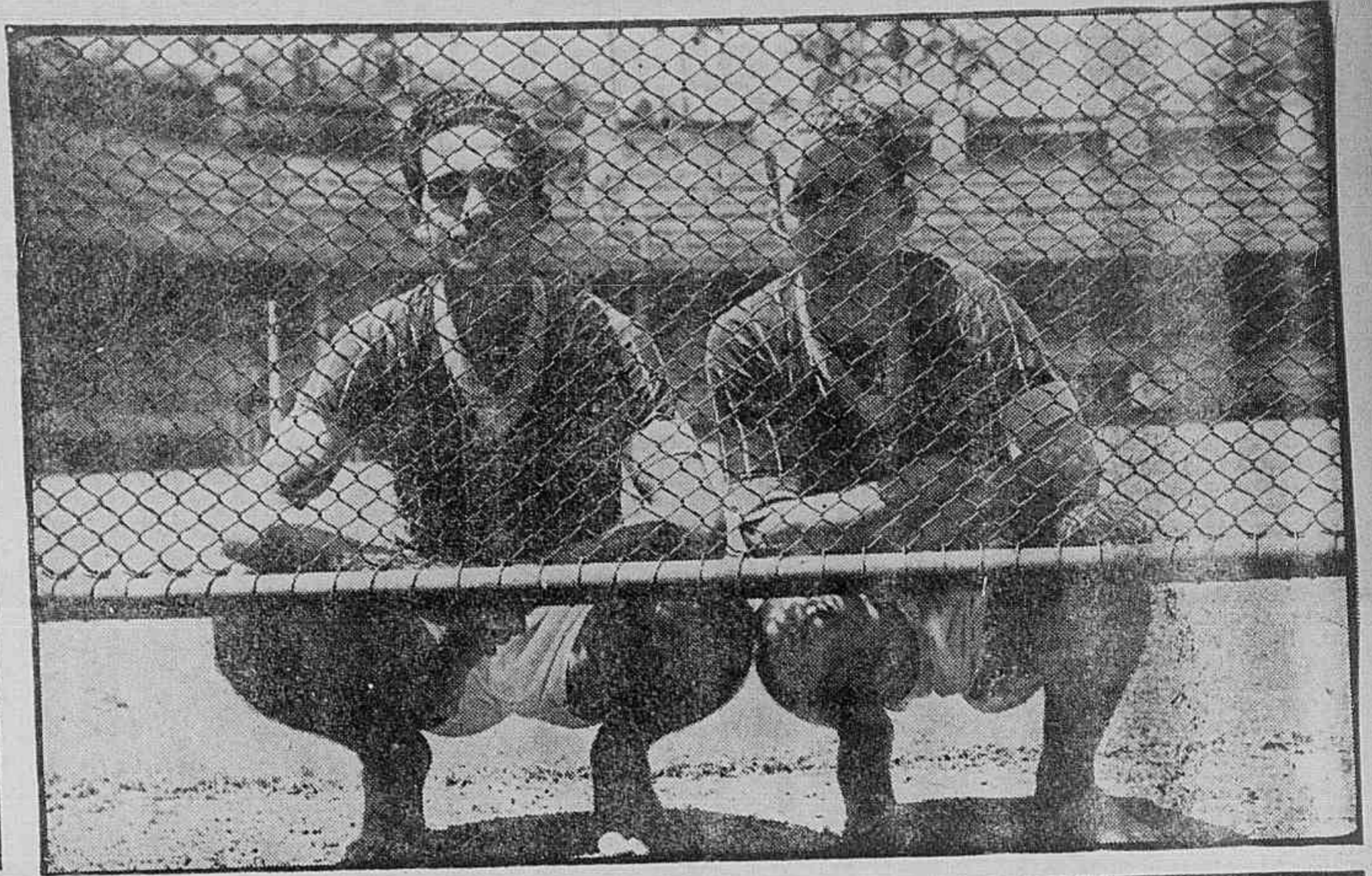


3 Os jogos do torneio ofereceram ao todo estes resultados: 1.º, Jabaquara 1 goal x Portuguesa Santista 0; 2.º, Portuguesa 1 goal x Comercial 0; 3.º, Santos 1 goal e 3 corners x Juventus 1 goal e 2 corners; 4.º, São Paulo 1 goal x Ipiranga 0. Goal de penalty na prorrogação. Para decidir o match cada team teve direito a um tiro penal. O do Ipiranga bateu na trave e o do São Paulo foi às redes; 5.º, S. P. R. 2 goals x Corinthians 0; 6.º, Portuguesa de Esportes 1 goal x Palmeiras 0; 7.º, São Paulo 1 goal x Jabaquara 0; 8.º, S. P. R. 2 goals x Santos 0; 9.º, Portuguesa 1 corner x São Paulo 0 (na prorrogação); 10.º, (final) S. P. R. 3 goals x Portuguesa 1 goal. A renda do certame atingiu à bela cifra de Cr\$ 105.625,00.

ZABOT,

“arma secreta do Fluminense para o Campeonato de 43

UM JOGADOR COM PINTA DE “CRACK” — CATARINENSE E NÃO PARANAENSE — ELE FACILITOU A VENDA DO “PASSE” DE MAGNONES LARANJEIRA TAMBEM É NOVO — VEIO DE MAGÉ, JOGA DE BACK E, SEGUNDO ONDINO VIERA, PROMETE MUITO



QUAL Sabotti nem Sabott. Ele muito menos nasceu em Curitiba, como se disse por aí. A título de curiosidade vamos fazer aqui um pequeno resumo biográfico do mais novo “astro” tricolor:

Nome por extenso: Carlos Zabot (muito diferente, portanto, de Sabotti, que anda girando pela cidade). Carlos Zabot nasceu em Pedras Grandes, município de Tubarão (Santa Catarina) no dia 6 de abril de 1921.

O substituto de Magnones no quinteto atacante do Fluminense, exerceu inúmeras atividades dos oito aos quinze anos. Vendeu balas, foi padeiro e calheiro de armazem. Trabalhou posteriormente na lavoura e numa mina de carvão. O trabalho jamais afastou-o da pelota.

“ARMA SECRETA”

- Você é Sabotti?
- Sim, sou Sabot.
- E aquele rapaz alto, ali?
- Aquele é Laranjeira. Laranjeira é back. Vai ser uma revelação, este ano. Sabot falava-nos como um “antigo”, como um veterano.
- Então, você acha...
- Eu não acho nada. Eles é que dizem.

Quando o repórter fotográfico chegou, Zabot perdeu o controle. Ficou irrecônciliável. Não proferia uma palavra sem olhar para a objetiva. Lá pelas tantas, o rapaz da máquina fez um movimento brusco. Como a objetiva estava voltada para si, estalou:

- Pelo amor de Deus, não tirem fotografias da gente!
- Por que não?
- Porquê o “seu” Ondino não quer.
- Ah “seu” Ondino não quer...

Sabot apresentou aquelas explicações com tristeza. Logo a primeira reportagem!...

- Você nunca pensou em ver publicado um seu retrato grande assim, numa revista que todos lêem?
- Sim, gostaria imensamente.
- Pois é: você vai ter a sua reportagem. Aliás, nós só chegamos até aqui porque o Departamento Técnico permitiu.
- Quer dizer...
- Isto mesmo; você poderá ser fotografado.
- O Laranjeira também?
- O Laranjeira também!

Sabot é rapazola ingenuo e bom. Está longe de possuir a maldade dos velhos “cracks”. Não sai, não desperdiça tempo com namoros. O seu cinema é ali mesmo, no Largo do Machado. E quando vai ao cinema procura fazê-lo sempre à tarde. E’ dos tais que não dispensa as oito horas de sono por noite. Deita-se cedo e desperta muito cedo. E’ um exemplo de disciplina. Não fala, não protesta e não exige. Tudo para ele está bom. A bóia, o treino, a pelota, a camisa e o travesseiro. Ondino não gosta de exibi-lo. Via de regra Zabot treina quando o campo está vazio de “olheiros”. Basta haver expectativa em torno da prática para que o técnico uruguaio mude de idéia e conserve-o na “cerca”. Dizem que o objetivo de Ondino é tornar o jogo de Zabot inteiramente desconhecido do público. Principalmente dos terceiros estranhos. Daí a ordem de Zabot não aparecer muito pela cidade. E de não se deixar fotografar quando alguém procurá-lo para tal.

Ondino acha que o mal de Magnones residiu na forma bombástica em que o “crack” foi apresentado aos “fans”. Magnones ficou logo conhecido antes de realizar o primeiro treino em Alvaro Chaves. Para determinadas pessoas, isso foi o princípio do fim de Magnones no tri-campeão.

De posse desse exemplo, os responsáveis pela apresentação do quadro de profissionais do Fluminense, procuram “esconder” Zabot. E Zabot, com os seus ares de provinciano, vai se adaptando a tudo. “Você não saia, Zabot!” “Não saia, não senhor”. “Não vá deixar-se fotografar por ninguém!” “Não deixo, não senhores”...

TEM “PINTA” E TEM JOGO

Não é difícil identificar o “crack” pelo seu todo. Pela maneira de caminhar, principalmente. Zabot tem tudo de “crack”. O caminhar, a “pinta” e jogo. Suas primeiras exibições na meia direita ou na meia esquerda — treinando em Alvaro Chaves — segundo dizem, foram tão perfeitas que facilitaram a venda do “passe” de Magnones.

Laranjeira, o outro novato, veio de Magé, no Estado do Rio, e, segundo Ondino Viera, promete muito.

Na segunda etapa do Torneio Relâmpago...

Flamengo e Vasco fizeram um grande match, mas a indisciplina dos jogadores transtornou a peleja entre tricolores e alvi-negros

A APRECIACÃO que fizemos dos jogos de domingo, com a anotação das falhas de cada equipe, foi confirmada pela rodada de terça-feira do Torneio Relâmpago. Ainda uma vez Hernandez e Helio estiveram fracos, como fracos estiveram os ponteiros do Vasco e Haroldo. O Fluminense melhorou um pouco de produção, o que também era previsto. Somente o Botafogo não reproduziu a sua atuação da primeira rodada, deixando-se controlar pelo Fluminense, na primeira fase do jogo que travaram, apesar dos tricolores estarem desfalcados.

Contra o Vasco estreou o Flamengo. O campeão apresentou-se desfalcado de Pirillo, o que obrigou varias modificações na linha atacante. Diversas formações foram tentadas durante o match, acertando somente a última. Dos cinco atacantes, apenas Nilo não mudou de posição. Primeiro foi assim: Nilo, Valido, Sardinha, Zizinho e Vevê. Depois, Nilo, Zizinho, Valido, Vevê e Jarbas e finalmente as mesmas alas e Vicente no centro. A retaguarda, embora completa, não exibiu segurança segura, devido às falhas do seu esquerdo, onde Artigas e Nilton sobrecarregavam Jayme e Domingos de trabalho. Os dois últimos e Jurandyr, porem, saíram-se otimamente da missão árdua que lhes foi imposta, produzindo grandes performances. Domingos reapareceu como o crack de sempre, deliciando a assistência com as suas intervenções sensacionais.

O esquadrão cruzmaltino esteve numa grande noite. Aproveitando-se do seu melhor estado de treino, dominou o Flamengo durante toda a primeira fase, quando conquistou o goal, por intermedio de Chico. No segundo tempo, os rubro-negros reagiram e obrigaram os cruzmaltinos a recuarem. Então assistiu-se aos esforços dos halves, de Roberto e Oswaldo para impedir a queda do arco, o que conseguiram durante muito tempo, cedendo apenas uma vez aos trinta minutos, de um shoot inesperado de Artigas. Os pontas voltaram a se exibir fracamente e Haroldo, quando da reação do Flamengo, atrapalhou-se muito. A entrada de Cordeiro para a ponta direita deu vida ao ataque. Cordeiro é um ótimo extremo, embora um pouco genioso. Oswaldo brilhou na zaga, diminuindo os problemas do Vasco de quatro para dois apenas. Como havíamos feito votos, o estoque do cruzmaltino está resolvendo os seus mais serios problemas.

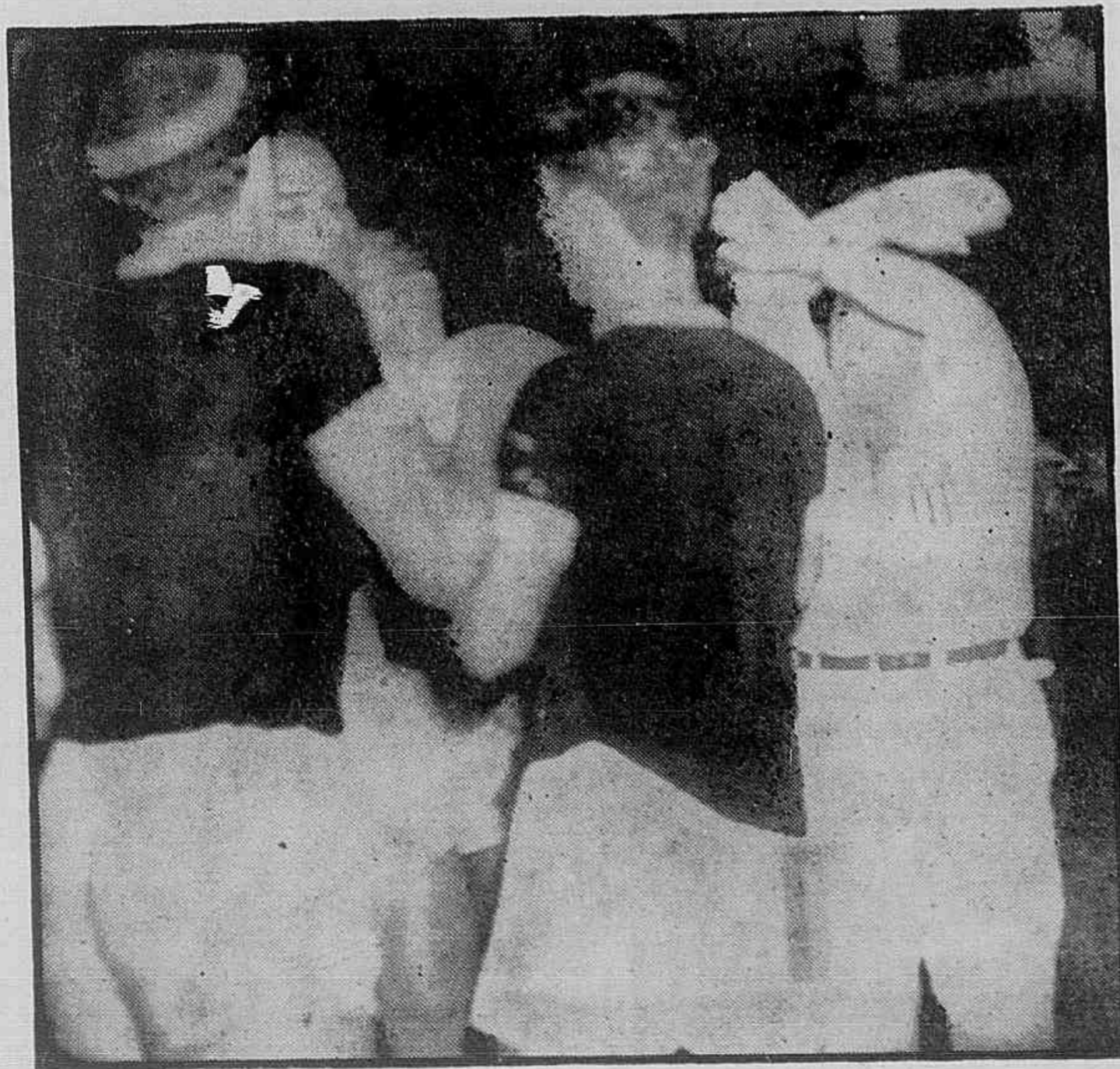
Jorge Miguel, da Federação Paulista, foi o juiz. Agiu bem, tendo merecido aplausos da assistência. Os jogadores portaram-se quase sempre com disciplina, que sofreu o seu mais serio arranhão no derradeiro minuto do jogo. Cordeiro, Vevê e Artigas começaram uma briga, que o apito final do juiz fez acabar.

FLAMENGO — Jurandyr; Domingos e Nilton; Biguá, Jayme e Artigas; Nilo, Valido (no intervalo Zizinho), Sardinha (no intervalo Valido e, aos 24 minutos do segundo tempo, Vicente) Zizinho (no intervalo Vevê) e Vevê (no intervalo Jarbas).

VASCO — Roberto; Haroldo e Oswaldo; Octacilio, Figliola e Argemiro; Baptista (no intervalo Cordeiro); Moacyr (aos 26 minutos Isaias, Ademir (Nino) e Chico.



Fotografias que não espelham a realidade. Enquanto o flagrante de tricolores e alvi-negros lembra cordialidade, a dos rubro-negros e vascaínos dá a impressão de confusão. E' que esta foi batida no final do match, quando do incidente com Cordeiro, e aquela, antes do apito inicial, quando a disciplina era muita...



Se a peleja entre vascaínos e rubro-negros só merece elogios, a segunda entre tricolores e alvi-negros provoca apenas revolta. Em meio de tanta indisciplina, vale a pena ressaltar a atitude dos players do Botafogo, na segunda fase, que receberam resignadamente os pontapés e socos dos players tricolores, sem esboçar reação.

As escaramuças começaram cedo. Já na primeira fase Russo experimentou o genio de Santamaria e Hernandez e Adilson procuravam resolver as jogadas a valentona. Annito, sem razão alguma, machucou Ary, quando este tentava mandar a pelota à frente. Então era preciso um juiz enérgico, para reprimir as tentativas, antes que essas se concretizassem. O Sr. Raymudo Sampaio, todavia, estava muito preocupado com a maneira de cobrar os out-sides e mais preocupado ainda em marcar off-sides, para se deter em assuntos tão banais... O resultado surgiu no segundo tempo, com pontapés e socos a todo momento, redundando na expulsão de Russo e Adilson apenas.

Foi pena que o descontrole dos jogadores do Fluminense os levassem à prática de tais atos. Afinal, sem jogarem muito bem, estavam levando vantagem sobre o Botafogo e a contagem recem-aberta, podia ainda modificar-se. O match que estava transcorrendo monótono, transformou-se em pretexto para a exibição desnecessarias. O Botafogo que jogara o primeiro tempo sofrivelmente, valeu-se do desnorteamento dos tricolores, para garantir a vitória. E o match terminou com apenas nove jogadores do Fluminense contra onze do Botafogo. Três a zero no placard favoravel aos alvi-negros.

A expulsão de Russo partiu de um pontapé em Zarcey, após uma troca de calcos entre o medio alvi-negro e Vicentine. Adilson, dez minutos depois, desrespeitou o juiz e saiu de campo, levado pelo comissario de serviço. Depois Carreiro carregou sobre Ary e foi empurrado por Caleira e Hernandez dentro da area. Seguiram-se os choques de homem para homem, que anotamos e são os seguintes:

Renganeschi meteu os pés em Heleno; Bilulú, em Pirica e Zarcey; Vicentine, em Geninho; Ruy, em Gonzalez; Affonsinho, em Lula; Maracá, em Ivan e Caleira, tendo chegado a socar a face do medio alvi-negro, Carreiro, em Hernandez; Pedro Nunes, em Helio.

A contagem foi aberta por Gonzalez, aos 15 minutos da fase final. O player argentino driblou Ruy, Renganeschi e Bilulú e venceu Max com um shoot enviezado. Heleno, de passe de Pirica, e Lula, de passe de Pirica, fizeram os tentos restantes, aos 35 e 38 minutos, respectivamente.

FLUMINENSE — Max; Bilulú e Renganeschi; Vicentine, Ruy e Affonsinho; Adilson (jogou até o 30.º minuto da segunda fase), Russo (jogou até o 20.º minuto da segunda fase), Annito (no segundo tempo Maracá), Pedro Nunes e Carreiro.

BOTAFOGO — Ary; Hernandez e Caleira; Ivan, Helio e Santamaria (jogou até o 12.º minuto da segunda fase, sendo substituido por Zarcey); Lula, Magnones (no segundo tempo Gonzalez), Heleno, Geninho e Pirica.

A renda atingiu à cifra de Cr\$ 70.235,20. Grande parte do público não conseguiu ingresso no campo.

UM «STUD» MODELAR

VERDADEIRO PALACIO AS COCHEIRAS DO SPORTSMAN BASTOS PADILHA

A Vila Hípica número quatro, está localizado o "stud" do Sr. José Bastos Padilha. O estimado e conhecido sportman patricio, que tem seu nome ligado à vida esportiva do país, onde sempre militou com rara eficiencia, voltou há pouco ao seio do nosso turf, onde já tivera destacada atuação.

Ao retornar ao turf, o Sr. José Bastos Padilha fê-lo com o mesmo entusiasmo e o mesmo espírito de esportividade com que sempre agiu no cenário esportivo nacional.

COCHEIRAS MODELARES

Quem atravessa os portões da cocheira número quatro da Vila Hípica, experimenta uma sensação de agradável surpresa. Tudo ali é limpeza, ordem e demonstração de raro bom gosto.

Sem qualquer parcela de favor, as instalações do "stud" do prestigioso esportista são modelares.

Dentre as maiores coudelarias do Rio, as suas instalações ocupam um lugar de merecido destaque.

Com uma entrada cimentada, terreno rigorosamente limpo, os "boxes" trazendo ao lado o nome de seus ocupantes, em placas que têm o colorido da jaqueta do "stud", tudo isso denunciando o gosto e o carinho com que o fidalgo turfman cuida dos parceiros que defendem suas cores.

ASSISTENCIA PERMANENTE AOS SEUS — AUXILIARES —

O conceituado esportista não se deteve, porem, no apuro das instalações de seu "stud". Voltou-se com interesse invulgar para seus auxiliares, dando-lhes absoluta assistência material e moral.

Para tanto, além de recompensar com prodigalidade seus serviços, deu-lhes acomodações condignas e até mesmo assistência médica e dentária.

Dentro dos detalhes que o visitante do importante "stud" pode colher, há muito que admirar.

A organização que o Sr. José Bastos Padilha deu ao seu "stud", tem qualquer coisa de diferente e muito de humano.

ENCONTRA IDEALISMO DENTRO DO — ESPORTE —

Sem dúvida o Sr. José Bastos Padilha age dentro do esporte com idealismo.

Faz questão absoluta de que sua jaqueta goze do respeito e do conceito públicos. Tem animais para disputar as carreiras, fazendo questão absoluta que os profissionais que montam seus parceiros façam empenho, sempre, das melhores colocações.

Não lhe anima o resultado polpudo ou não de uma poule, mas, apenas, o prazer íntimo da vitória de um seu animal.

Exulta, então, nesses momentos.

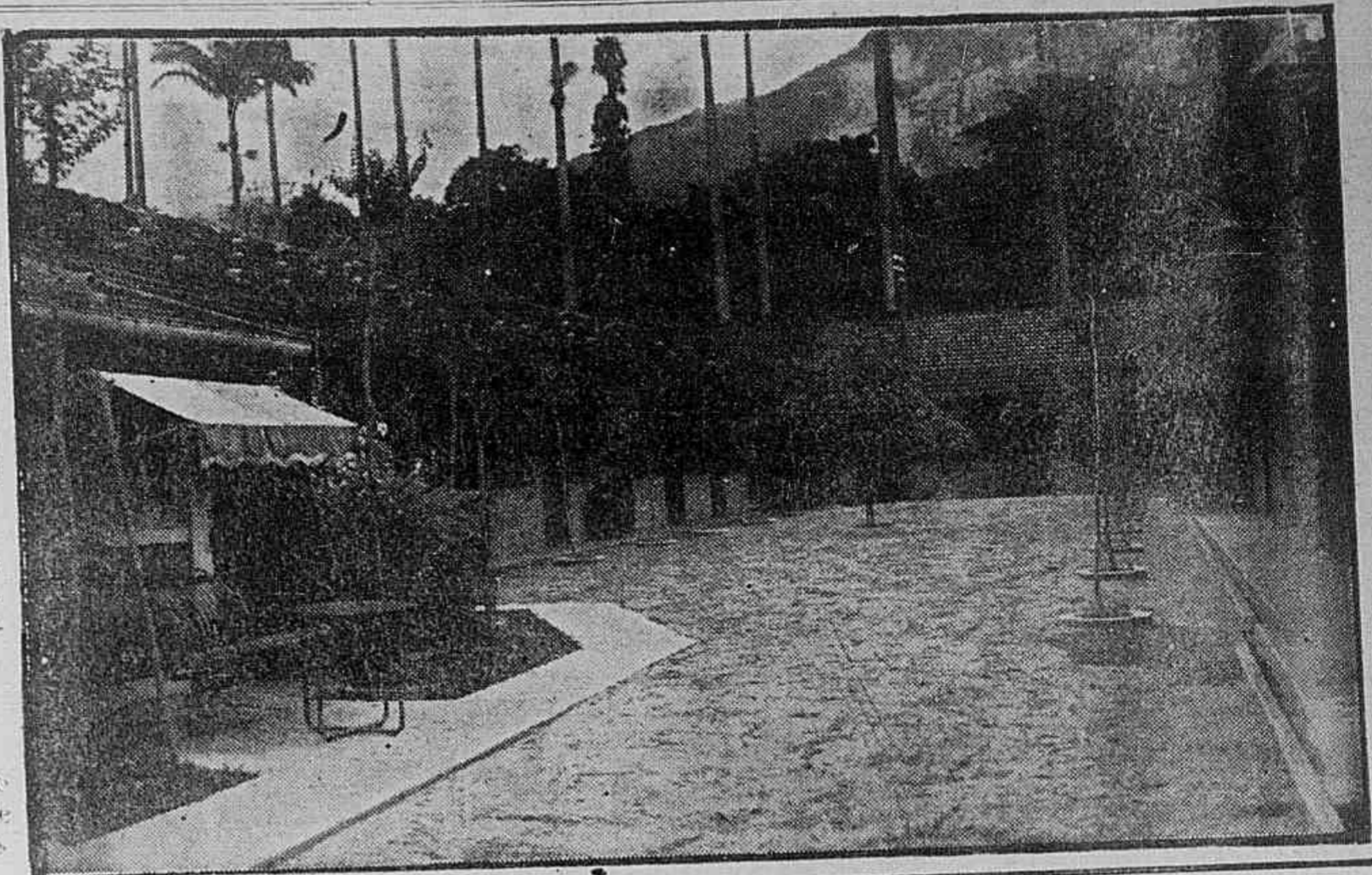
AMERICO DE AZEVEDO O PRIMEIRO — TREINADOR —

Ao construir seu "stud", o Sr. José Bastos Padilha entregou seus parceiros a Américo de Azevedo, o decano de nossos "entraîneurs", cuja atividade em nosso turf é um exemplo de trabalho e probidade. Ao seu lado, como seu auxiliar direto, tinha o competente preparador seu filho Fernando.

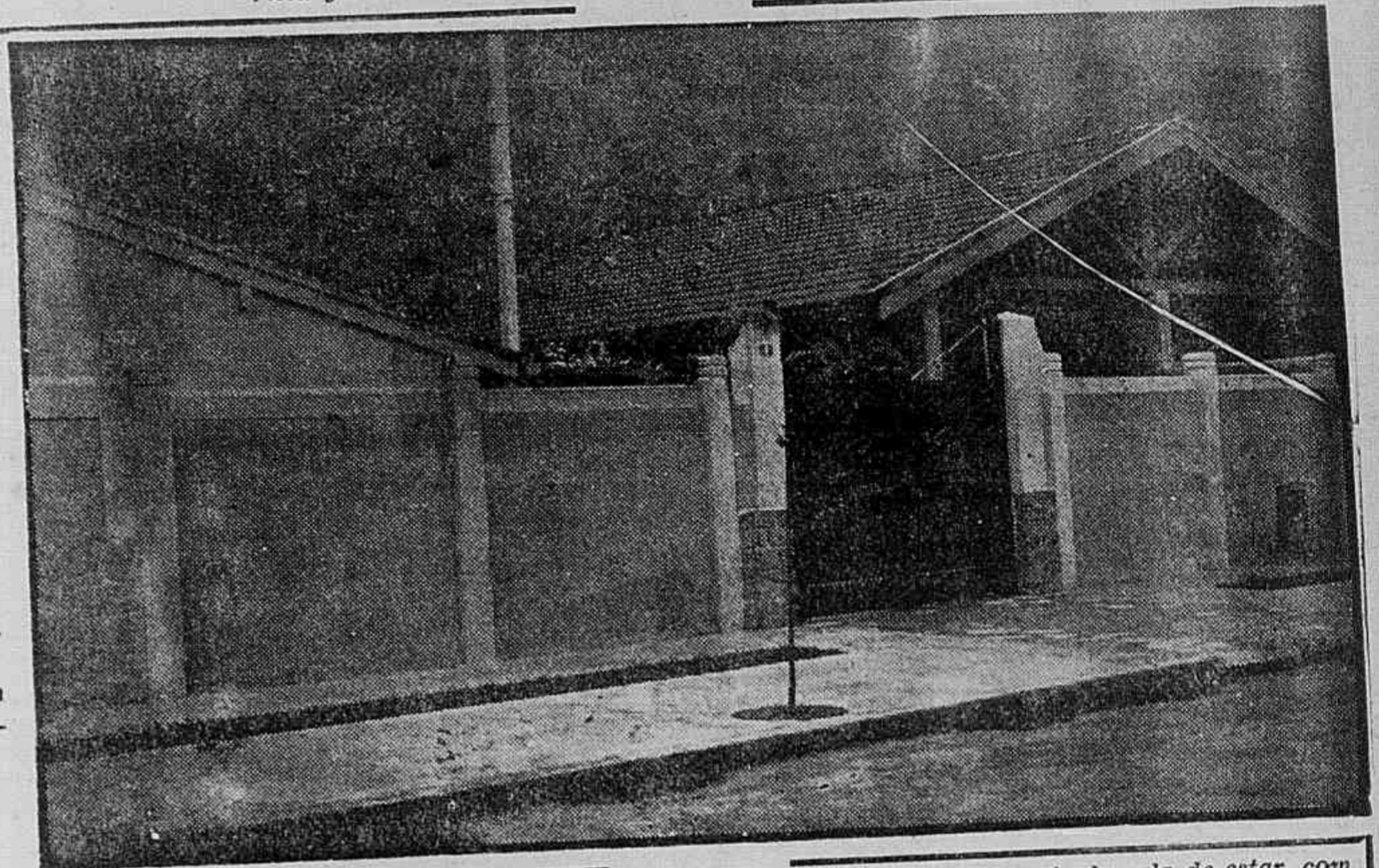
INDALECIO CARNEIRO, O NOVO TREINADOR

Foi aprendiz da antiga Coudelaria Brasil e serviu posteriormente como auxiliar desse mesmo "stud", cujo "entraîneur" era o grande Santiago Villalba.

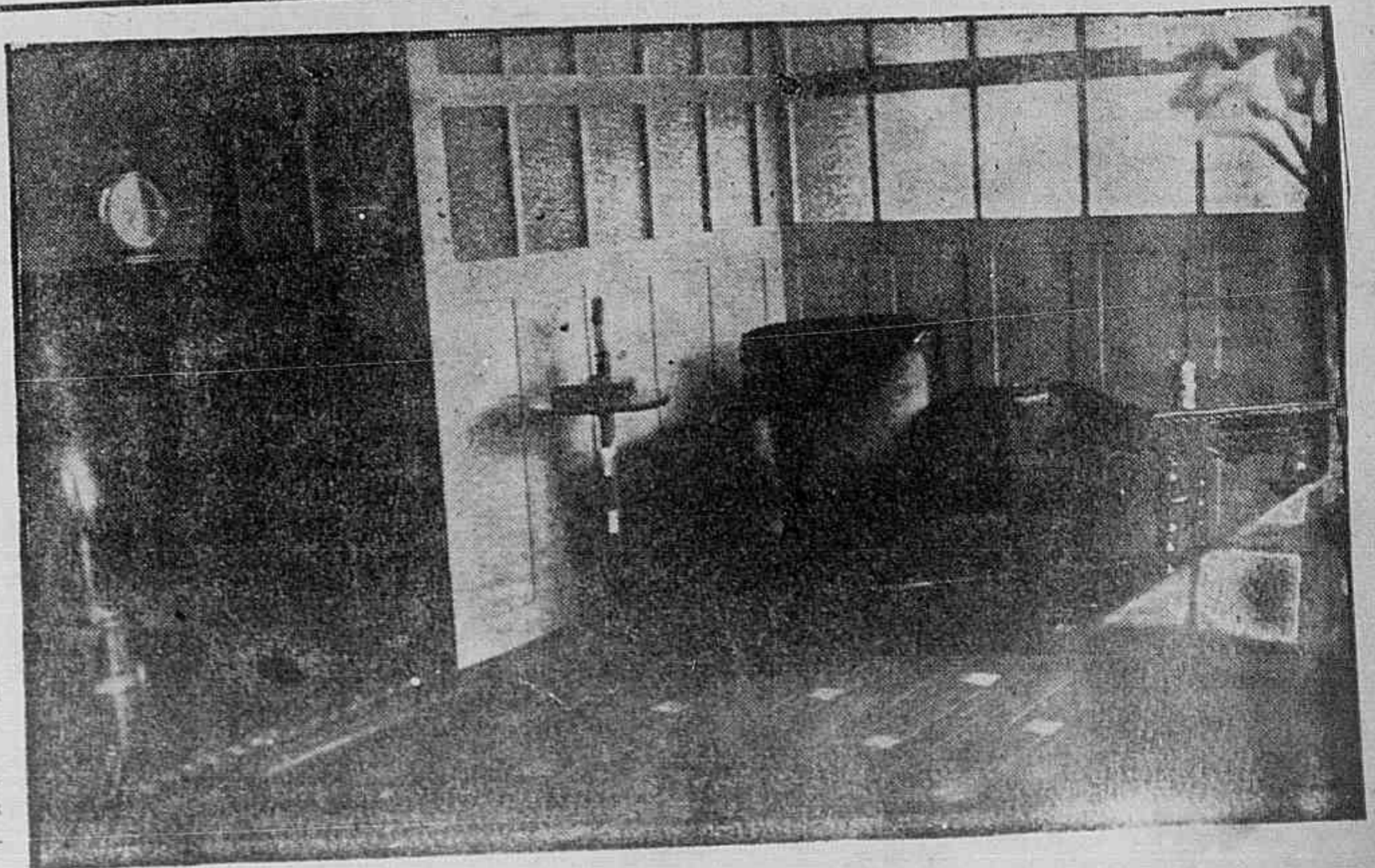
Mais tarde foi para o "stud" Expedictus, onde trabalhou sob a orientação técnica dos treinadores Francisco Bento de Oliveira (Chiquinho), José Lourenço e Ernani Freitas.



Vista geral das cocheiras e o portão principal do Stud Bastos Padilha.



Outro aspecto do interior do Stud Bastos Padilha onde se pode ver um recanto da sala de estar, com aparelho de radio, cinzeiro etc.





RESERVA, O "PIVOT" MAIS CARO QUE VEM AO BRASIL